



Interações em Rituais Online: A Midiatização do Fenômeno Religioso na Internet¹

Moisés SBARDELOTTO²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

A partir da percepção de um fenômeno social recente caracterizado pela crescente difusão de serviços religiosos pela Internet, analisam-se neste artigo algumas características centrais das interações entre fiel-Igreja-Deus em sites católicos brasileiros. Em um momento marcado por uma sociedade em midiatização, busca-se compreender como os chamados rituais online incidem sobre a experiência religiosa do fiel digital. Analisando as regularidades e processualidades envolvidas nas manifestações do fenômeno religioso na Internet, procura-se compreender como se dão essas interrelações e interações religioso-comunicacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Internet; religião; midiatização; ritual; comunicação.

Introdução

Em um ambiente social em crescente midiatização, o fenômeno religioso também acaba sendo invadido pelos protocolos midiáticos e sobre eles influi. Neste artigo, buscamos apresentar alguns conceitos chave de nossa pesquisa sobre os rituais online em sites católicos brasileiros. A seguir, a partir de inferências sobre a questão das tecnologias midiáticas, refletimos sobre como o fenômeno religioso é tensionado pela midiatização e oferecemos algumas pistas para compreender essa relação religioso-comunicacional em tempos de Internet.

Em nossa pesquisa e observação, pudemos perceber um grande emprego e uma apropriação da Internet para o desenvolvimento do fenômeno religioso. Existe hoje, por meio das tecnologias digitais e da Internet, uma nova manifestação fiel-Igreja. Especificamente no ambiente católico brasileiro online, esse fenômeno é ilustrado pela existência de inúmeros sites, seja de dioceses, paróquias, santuários ou movimentos católicos, que ensejam possibilidades para que ocorram manifestações de um discurso

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Mestrando do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGCOM Unisinos), email: msba@ymail.com.



religioso-católico específico. São pequenos “rituais” online que servem de amparo para quem deseja saciar sua sede de transcendência por meio da grande rede.

Uma pesquisa rápida na Internet permite que se encontrem diversas manifestações desse fenômeno religioso online. São diversos os serviços prestados, desde versões online da Bíblia, com serviços de busca e comentários; orientações, por meio das quais o usuário pode solucionar seus problemas enviando uma mensagem que é respondida por líderes religiosos; espaços espirituais, que vão desde orações que são feitas na própria página, a partir de textos e artigos, ou pedidos de oração que são remetidos pelo fiel ao site; programas de áudio e vídeo, como missas e palestras; cadastro para recebimento de mensagens religiosas no celular; fóruns de debates; outros aplicativos para celulares e redes sociais como Orkut e Facebook; dentre outras opções. Porém, interessa-nos aqui a oferta de serviços online que possibilitem não um conhecimento de tipo racional, como a leitura de um artigo ou de uma notícia, mas sim uma *vivência de fé*, uma *experiência religiosa*. Ou seja, ofertas por meio das quais o fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja, diante de um computador conectado à Internet, estabelece assim seu ambiente de culto.

Uma dessas práticas mais difundidas, em quase todos os grandes sites católicos, são as chamadas “Velas Virtuais”, uma remodelagem da antiga tradição de acender velas a Deus em oração. Na sua versão digital, o fiel preenche seus dados pessoais e inclui seu pedido de oração – dirigido diretamente a Deus ou sem um destinatário explícito –, depois escolhe o formato de sua vela e clica, finalmente, em um botão (“Acender” ou “Enviar”) para que a sua oração seja feita. Outra opção muito difundida também em quase todos os grandes sites católicos visitados são os pedidos de oração. Semelhante às velas virtuais, nesse espaço o fiel também preenche seus dados, escreve seu pedido de oração (ou sua oração diretamente a Deus) e clica em um botão para enviá-la ao sistema.

No site CatolicaNet, por exemplo, o usuário encontra, no menu à esquerda, o link “Velas Virtuais” (www.catolicanet.com/?system=velas) dentro da seção intitulada “Interatividade”. O mesmo link encontra-se também logo abaixo do logotipo do site, na primeira página, em destaque. Nesse espaço, o internauta se depara com um determinado número de “velas acesas” por outros fiéis, no formato de imagens. Lá também se explica, dentre outras coisas, que “a função da luz é fazer enxergar. Por isso, ser luz é fazer o mundo enxergar a presença viva de Deus entre nós, num comportamento de amor, verdade, justiça e paz. Esse é o maior significado das velas,



representação material de luz”. Logo abaixo, encontra-se o link “Acenda também a sua [vela]!”, com as imagens animadas das velas acesas por outros usuários.



Figura 1: Página inicial do serviço de "Velas virtuais" do site CatolicaNet

Ao clicar no link para acender uma vela, o fiel encontra um formulário de dados para serem enviados ao sistema (nome, e-mail, nome do destinatário, e-mail do destinatário e mensagem) e ainda pode escolher um modelo de vela, dentre os seis disponíveis. O texto e a imagem da vela escolhida, após o envio das informações ao sistema, passam a aparecer na página principal do serviço. Já ao clicar em alguma das imagens das velas acesas por outros usuários, abre-se uma janela “pop-up”, na qual podemos ler as intenções.

Aqui apresentamos um breve exemplo de vela virtual:

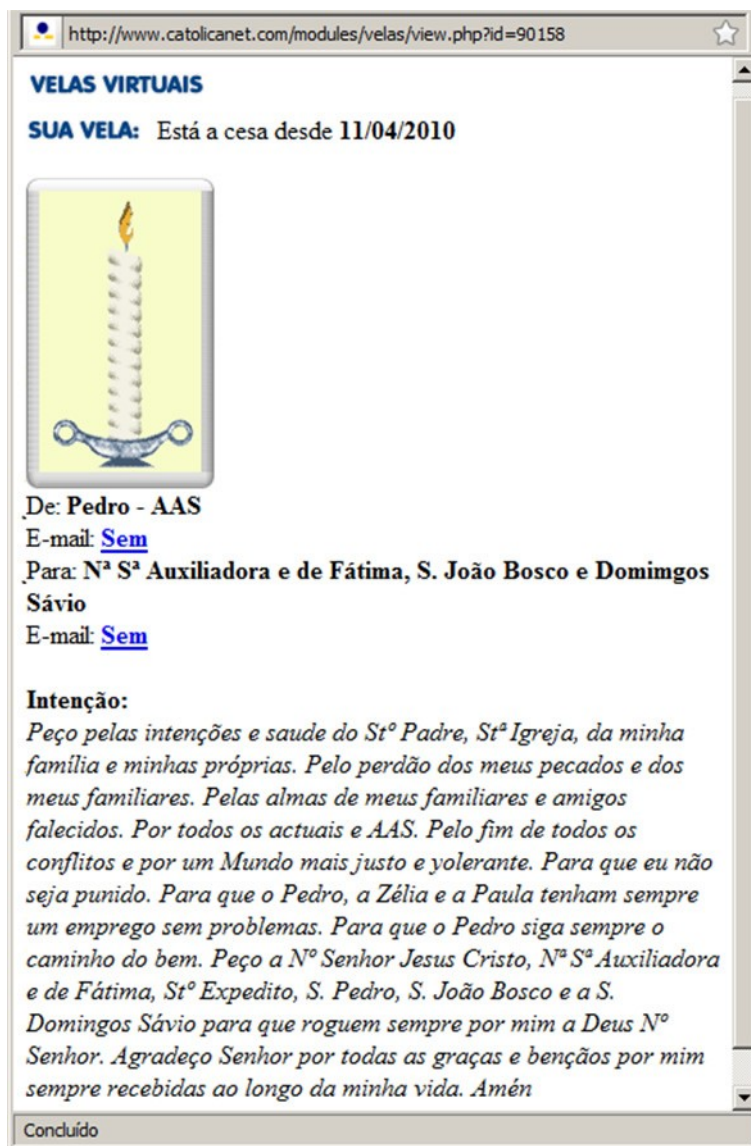


Figura 2: Janela "pop-up" com vela virtual do site CatolicaNet

Por outro lado, sabemos que esses serviços se encontram em sites que oferecem diversas outras coisas, desde textos para reflexão até venda de produtos, o que também colabora para a construção simbólica que atravessa o usuário em sua navegação. Há elementos não sagrados que interferem diretamente na aura de sacralidade de certos espaços. Além desses, existiriam ainda outras formas de aceder a uma experiência religiosa, como por meio dos textos, vídeos e áudios disponíveis nesses sites. Por um simples clicar de botões, o indivíduo, acompanhando as ideias, falas, sons e imagens, é levado a experienciar uma vivência do sagrado, de Deus.

O que nossa observação foi constatando ao longo do tempo é que há um desvio do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma mesma prática



religiosa doutrinária e devocional: algo que poderíamos chamar de *discurso religioso-católico digital online* – ou “narrativas [religiosas] digitais”, nas palavras de Coyne (apud FELINTO, 2005, p.9). O que se percebe é que o acesso dos fiéis ao espaço religioso desses ambientes online se faz sob certas condições – regras – que tentam regular os modelos de sua enunciação. Esse tipo de regramento estabelece uma interação, mas ao mesmo tempo as condições de acesso e de expressão para que não haja um “escape” ao espectro doutrinário católico.

A partir disso, geram-se novos discursos, novas práticas discursivas que permitem também que o usuário seja um *co-a(u)tor*. Porém, cabe questionar até que ponto essa nova prática discursiva da Igreja, sua enunciação, realmente provoca alterações no regime dessas práticas, em seus protocolos. De certa forma, se a Internet dá a liberdade de fala sobre o sagrado ao fiel comum – o que não existia com as facilidades, as dimensões e o alcance que o dispositivo oferece –, por outro lado os rituais oferecidos são estruturas – móveis e mutáveis – de restrição do discurso, da narratividade, porque, em suma, há uma disputa de poder clara, poder doutrinário que cabe apenas à Igreja e ao seu regime de enunciação.

A partir desse primeiro panorama, passamos, então, a especificar alguns conceitos chave que permeiam nossa pesquisa, envolvendo o ambiente em que esse fenômeno ocorre (mídiação, cibercultura); as características desse dispositivo (digitalismo); manifestações concretas do fenômeno (rituais online); e questões específicas de funcionamento do dispositivo e seus protocolos, como o discurso e a centralidade da Palavra para a tradição cristã.

Mídiação Digital: A Cibercultura Relida a Partir da Complexidade

A ideia de cibercultura, como indica Felinto (2006), “aparece associada a uma enorme diversidade de fenômenos, sem que se estabeleça, a princípio, nenhum quadro epistemológico comum e razoavelmente preciso entre eles” (p.94). Uma primeira aproximação, feita pelo próprio Felinto (2005) é que a cibercultura é “uma forma de cultura na qual as novas tecnologias de informação e comunicação desempenham papel central” (p.8).

Em artigo mais recente, Felinto (2007) avança entendendo a cibercultura a partir da noção de informação: “essa noção de código capaz de dar conta de toda realidade (dos sistemas informáticos aos sistemas vivos) constitui o centro da



experiência cultural do mundo ‘ciber’” (p.4). Por outro lado, cibercultura também seria a “expressão das formas de vida, práticas e problemas antropológicos ligados às tecnologias digitais” (p.5). Além disso, seria ainda “uma espécie de saber próprio do contemporâneo” (p.5), “o estudo de todos os fenômenos ligados à internet” (p.6).

Como veremos adiante, a noção de informação/código é central para a compreensão do fenômeno religioso na Internet. Mas não podemos nos contentar apenas com isso, restringindo nosso objeto a uma mera consequência da informatização e de códigos numéricos. A esse fenômeno, estão ligadas também formas e práticas de vida que são intrínsecas à Internet, que nascem e se desenvolvem com ela, visto que “as atividades técnicas são formas de realização do processo de autocriação do ser humano” (RÜDIGER, 2003, p.17). “Põe-se de manifesto nela [na técnica] um determinado tipo de humanidade”, nas palavras de Donald Brinkmann (apud RÜDIGER, 2003, p.23).

Assim, como indica Gomes (2010), “o problema não é o que a religião faz com a mídia, mas que tipo de religião está emergindo da mídia” (aqui, especificamente, da Internet), já que “existem leis e processos que distinguem, substancialmente, o espaço religioso do espaço midiático”. Nesse sentido, cabe a análise de Gordon Graham (apud RÜDIGER, 2003), para quem as novidades tecnológicas, inclusive a Internet, não são positivas apenas por serem novas, nem negativas apenas por serem tecnológicas. O que deve ser avaliado, afirma, é o impacto dessas novas tecnologias no modo de vida das pessoas comuns – incluindo a sua religiosidade.

Para Santaella (2003), “a cibercultura decisivamente encontra sua face no computador, nas suas requisições e possibilidades” (p.103). Segundo ela, a partir do surgimento dos microcomputadores e do uso destes por parte do usuário, nasceram novos hábitos sociais, que demarcaram uma “cultura da velocidade e das redes” (Id., p.82). Para Felinto (2007), “as formas de vida e comunicação são continuamente modeladas pela lógica e pela materialidade das novas mídias” (p.10). E afirma: “Se é tão difícil mapear a cibercultura, é porque estamos inteiramente em seu interior, mergulhados [...] num imaginário tecnocultural cada vez mais pregnante” (Ibid.).

Como indica Manovich,

Nos anos 90, só se falava e “virtual”, “ciberespaço” e “cibercultura”. [...] Agora, a web é uma realidade para milhões, e a dose diária de ‘ciberespaço’ é tão grande na vida de uma pessoa que o termo não faz mais muito sentido. [...] O “virtual” agora é doméstico. [...] Nossas vidas online e offline são hoje a mesma coisa. Para os acadêmicos que ainda usam o termo “cibercultura” para falar da atualidade, eu



recomendo que acordem e olhem para o que existe em volta deles (2009, online).

Por isso, preferimos aqui utilizar o termo “mídiação”, ou seja, processos de interação social a partir do desenvolvimento e da intensificação da convergência tecnológica (cf. FAUSTO NETO, 2008), ou ainda um “novo bios midiático” (cf. GOMES in FAUSTO NETO, 2008, p.20), do qual a chamada cibercultura, a nosso ver, é parte constituinte, junto a outros fenômenos e manifestações comunicacionais.

Essa situação de mudança comunicacional acelerada teria tido sua origem, segundo Verón (1997), na “evolução dos dispositivos tecnológicos e da emergência de novas tecnologias, mas também como resultado da evolução da demanda”. Assim, afirma, “a comunicação midiática gera um processo de mídiação das sociedades industriais” (Ibid.). Braga (2006) afirma que, “dentro da lógica da mídiação, os processos sociais ‘da mídia’ passam a incluir, a abranger os demais, que não desaparecem mas se ajustam” (p.2).

Nesse sentido, defende, a mídiação seria o “processo interacional ‘de referência’”, o “organizador principal da sociedade”, que faz com que os demais processos – como o fenômeno religioso – funcionem ou passem a funcionar segundo suas lógicas. Nesse sentido, retomamos a ideia de Felinto (2007) de que estamos imersos em uma realidade comunicacional que não percebemos totalmente: “nossa sociedade aprendeu a existir em uma realidade largamente midiada, e os novos meios digitais vieram incrementar esse processo de des-realização” (p.10).

Dessa forma, cabe-nos agora abordar também uma das grandes características desse amplo processo, que os autores tratados definem como “digitalismo”, ou redução de toda informação a códigos numéricos, como os bits, processo que, em nossa pesquisa, pretendemos analisar a partir do âmbito religioso.

Digitalismo: A Redução da Informação a Bits

Em nossa pré-observação, o que vemos é que a Internet vem oferecendo às Igrejas, especialmente à católica, uma grande capacidade de “estocagem do sagrado”, que passa a estar disponível a qualquer hora e em qualquer lugar – porém agora digitalizado (em formatos como texto, áudio ou vídeo). Nesse sentido, o fenômeno religioso passa a estar fortemente embebido pelas mídias, que tensionam e ressitam o religioso e são por ele tensionadas e ressitadas (cf. GOMES, 2010).



Porém, cremos, todo esse processo não é simples, nem instantâneo, nem automático. Deus ou o sagrado precisa ser codificado, ressignificado, relido, reapresentado, moldado em uma processualidade informático-computacional-comunicativa. É preciso que ele seja “disponibilizado” na Internet e, ao mesmo tempo, que o usuário possa acessar o sagrado por meio da Rede e interagir com essa nova modalidade espiritual, segundo as características do ambiente online.

Nesse processo, há perdas e trocas de diversos níveis, assim como ganhos e acréscimos. Apropriando-nos de uma analogia bíblica, assumindo o risco que isso pode conter, se um dia esse Verbo divino, segundo a concepção cristã, se fez carne, hoje não basta apenas ser carne. É preciso ir além: “Deus” precisa também estar presente na Rede, imiscuir-se nessa nova realidade virtual, tornar-se informação, fazer-se bit.

Da mesma forma, para vivenciar essa experiência religiosa virtual, exige-se do indivíduo novas percepções de leitura e de reconhecimento dessa realidade, pois ela se apresenta em um novo ambiente, deslocado de seu espaço tradicional, a igreja, o templo – e com novas regras. O internauta, confiante na promessa desses espaços religiosos online, espera poder encontrar a mesma experiência do transcendente por meios dos pixels da tela do computador. Nesse sentido, o que o indivíduo lê, vê, ouve etc. não é apenas uma “informação” estrito senso, mas algo mais complexo, envolto em uma processualidade mais ampla, que o remeterá – na profundidade de uma experiência religiosa, agora mediada pelo computador – independente de quando e onde estiver – para um além, para o transcendente, para o sagrado, em suma, para Deus.

Em síntese: a grandeza, a magnitude, a vastidão de Deus, do sagrado, do transcendente se “encolhem”, se compactam, se codificam em bits e depois – relidos, ressignificados, decodificados pelo usuário – voltam a se “expandir” e a gerar sentido na vida desse indivíduo, por meio de uma experiência que chamamos de espiritual-religiosa mediada pelo computador.

Hoje a chamada “digitalização” permite que toda informação seja dividida em pequenas partes, quantificada em códigos informáticos sob forma binária (isto é, dois números, 0 e 1 – bits da informação) e, por meio do fluxo dessas microunidades, é possível estocar e reagrupar a informação, que pode ser “manipulada” por qualquer computador. Para Felinto (2006), uma diferença ontológica da cibercultura em relação a períodos anteriores está “na propalada passagem do paradigma ‘analógico’ para o ‘digital’” (p.101), ou seja, nas palavras de Lev Manovich, na “tradução de toda mídia existente em dados numéricos acessíveis por meio de computadores” (apud FELINTO,



2006, p.101). Assim, resume, “a cibercultura consistiria em uma formação cultural permeada pela lógica do digitalismo” (Id., p.103).

Ocorreria, afirma Felinto (2006), uma informatização do mundo, “na qual toda a natureza, incluindo a subjetividade humana, pode ser compreendida como padrões informacionais passíveis de digitalização em sistemas computadorizados” (p.101). Há aí uma questão delicada de fundo, que pode passar despercebida: continuando sua reflexão, Santaella (2003) defende que, “depois de terem sido colocados em formato digital, quaisquer desses dados híbridos [documento escrito, audiovisual, telecomunicações, informática] podem ser sintetizados em qualquer lugar e em qualquer tempo, para gerar produtos com idênticos cores e sons” (p.84). Aqui ela se refere à técnica propriamente dita das mídias eletrônicas, mas abstraindo um pouco podemos nos questionar a respeito do que, no fundo, essa “sintetização” significa para o indivíduo.

Mais adiante, ela afirma que “a navegação responde às nossas escolhas” (Id., p.93). Por outro lado, está em jogo também a fragmentação da informação. Segundo a autora, por meio da “hibridização de linguagens” (Id., p.95), ocorre uma fragmentação da informação em uma multiplicidade de partes. Dessa forma, “assim como em um mosaico, montamos uma imagem dos acontecimentos a partir de vários pedaços de informação” (Id., p.96). A partir do momento, então, em que o indivíduo a partir dessas mídias pode “manipular”, “montar” e “sintetizar” Deus e o sagrado à sua vontade – em qualquer lugar e em qualquer hora –, que reviravolta está ocorrendo na tradicional noção de religião, tão enraizada no tempo e no espaço?

Rituais Online

Para compreender as modalidades de religiosidade online, é importante perceber que existe uma certa ritualidade nesses movimentos. Para quem busca alimentar sua fé via Rede, esses espaços possuem uma liturgia e uma sacramentalidade próprias de um ritual religioso, seja posicionando-se diante do computador, digitando uma mensagem para um além, clicando (com tudo o que isso implica) em um botão que nos informa “Enviar”.

Todos esses protocolos – incluindo ainda a formatação gráfica dos sites para gerar uma aura de sacralidade, as imagens expostas, o local em que o usuário utiliza o serviço etc. – colaboram para pensarmos em uma ritualidade já estabelecida na Internet.



Cheryl Casey (2009) defende que um ritual nem sempre é religião, e que a religião nem sempre é ritual. Porém, citando T.F. Driver, afirma que os rituais religiosos, pelo contrário, são atos de crença, porque são referências e preservam a confiança em realidades invisíveis. Já para Stanley Tambiah (apud PEIRANO, 2003, p.11), o ritual é “um sistema cultural de comunicação simbólica”. Para Casey (2009), indo além, um ritual não é apenas uma performance complexa de atos simbólicos, mas também é ele próprio um símbolo representado, que remete para um além. Segundo Tambiah (apud PEIRANO, 2003), um ritual é constituído por sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. E, para o autor, possui três traços constitutivos: em um ritual, dizer também é fazer (texto performativo, segundo CASEY, 2009); a utilização de múltiplos meios para que os participantes experimentem o evento intensamente; e no qual valores são inferidos e criados pelos participantes durante a performance.

No caso da Internet, os rituais funcionariam como “novas ‘magias’ midiáticas”, de acordo com Fausto Neto (2004), que agem por meio de “dispositivos que tratam de constituir os novos processos de reencantamento do mundo” (p.60). Porém, mesmo que os rituais partilhem alguns traços formais e padronizados, estes são variáveis, fundados em constructos ideológicos particulares – como, em suma, ocorre nos que aqui chamamos de “rituais online”.

Por outro lado, afirma Peirano (2009), “o ritual esclarece mecanismos fundamentais do repertório social”. Segundo ela, “falas e ritos – esses fenômenos que podem ser recortados na seqüência dos atos sociais – são bons para revelar mecanismos também existentes no dia-a-dia e, até mesmo, para se examinar, detectar e confrontar as estruturas elementares da vida social”.

Aqui entram em jogo também os modos para se compreender os processos em que os rituais online estão envolvidos. Nesse sentido, Casey (2009) sugere o que ela chama de “análise específica das mídias”, no sentido de que a forma material afeta a experiência que se pode ter do evento. Segundo ela, em seu caso específico, entram em campo uma análise da arquitetura da Rede (e, acrescentaríamos, das “materialidades” de cada site/página visitado) e os elementos formais dos rituais, além das implicações da convergência entre esses dois sistemas de comunicação.

Segundo Manovich (2000), “não são só as formas de trabalhar com dados informáticos, são formas gerais de trabalhar, pensar e existir na era do computador”, que se expressam em termos como “copiar, cortar, colar, buscar, compor e filtrar”. Uma



nova ambiência, uma nova ecologia midiática (cf. GOMES, 2006) manifestada, nessa “vasta catedral da mente” (CASEY, 2009), pelos rituais online e seus protocolos e liturgias.

Por isso, os rituais vivenciados nos ambientes digitais também apresentam uma mudança na experiência do fiel em outros níveis. Por um lado, na questão *temporal*: se na tradição da Igreja os tempos e períodos do ano são divididos e organizados liturgicamente (Advento, Natal, Quaresma, tempo pascal etc.), e, na vida cotidiana, a missa era celebrada aos domingos, às 9h, por exemplo, tudo isso muda radicalmente na Internet. Agora, o fiel pode assistir uma missa de Natal em plena Páscoa, ou mesmo a missa do domingo celebrada pela manhã pode ser assistida pelo fiel à hora em que ele desejar no serviço de vídeo online de sua paróquia. Sua oração pessoal pode ser feita a qualquer momento, em casa, no horário de trabalho ou mesmo no transporte, após ter feito o download do seu serviço de oração em formato mp3.

Por outro lado, há também um deslocamento *espacial* da experiência religiosa: a celebração feita pelo Papa, em Roma, na Praça de São Pedro, para uma multidão de fiéis, pode ser assistida pelo fiel brasileiro, ao vivo ou gravada, sozinho em seu quarto. Um fiel do interior da Amazônia não precisa se deslocar até a Basílica de Nossa Senhora Aparecida em São Paulo para fazer suas orações, pois, pela Internet, a capela virtual acolhe seus pedidos.

Esses dois âmbitos também revelam reconstruções mais de fundo, em duas instâncias específicas: o sentido de *autoridade* (relacionado ao tempo) e o sentido de *comunidade* (relacionado ao espaço). Quando a vida do fiel (seus tempos, suas regularidades) não é mais organizada pela Igreja, há uma diminuição da autoridade da instituição sobre ele. Quando ele pode organizar sua vida espiritual e sua fé de acordo com suas próprias escolhas, selecionando o que faz parte e o que não lhe interessa, há uma quebra do contrato entre esses dois âmbitos da forma como era vivido anteriormente. Por outro lado, quando o fiel se exime de ir ao encontro comum dos fiéis da Igreja, como na missa celebrada em sua paróquia, para assisti-la ao vivo pela Internet, há um deslocamento da noção de comunidade. Ou quando o fiel da Amazônia se sente ligado espiritual e concretamente aos fiéis da Basílica, em São Paulo, por meio de sua participação online, sem nunca ter posto seus pés naquela igreja, há uma nova configuração comunitária.

Além disso, para o fiel, o ritual não ocorre “do outro lado da tela”, como algo do qual ele não faz parte ou apenas “encomenda” a alguém, mas ocorre sim com a



sua “presença”, em um ambiente espiritualizado comum que é construído a partir da Internet. Ritual, fiel(éis) e celebrante estão, de certa forma, em uma mesma ambiência digitalizada, complexidade que o conceito de mídiatização nos ajudará a entender melhor em suas especificidades. Assim, poderemos aprofundar a compreensão dos deslocamentos outros que ocorrem na interação ritualística via Internet, como por exemplo os rituais online que se estendem à realidade offline (como os pedidos de oração que depois são “colocados sobre o altar” de determinada igreja) e também aqueles rituais offline que tem sua continuidade no ambiente online (como as missas transmitidas ao vivo ou gravadas pela Internet).

“Mediação Hierárquica”: A Liberdade de Expressão Posta em Xequê

Nesse sentido, da mesma forma que a Igreja, detentora de certo discurso, busca fazer uso do discurso comunicacional, o fiel, ao fazer uso da Internet, coloca-se em meio a uma encruzilhada de discursos: principalmente, o da própria Internet e, depois, o das estruturas eclesiais. Ou seja, nos sites da Internet, a Igreja fala ao fiel, que também fala à Igreja ou, por meio dela, a Deus. Por outro lado, a Internet também “fala” a ambos, quando determina seus limites e possibilidades de discurso e de diálogo. Parece-nos, assim, relevante retomar o pensamento de Foucault quando afirma que

Em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2008, p.8-10).

Essas relações, interrelações e interações religioso-comunicacionais manifestam novos deslocamentos para os discursos entre Igreja, Internet e fiel, maleáveis e abertos como a grande rede, mas nem por isso sem regras e restrições.

Para Foucault, em síntese, discurso é poder. Por isso, se há discurso, há estruturas que gerem o controle desses mesmos discursos – pois assim também se controla o poder (quem fala, quem escuta, como se fala, como se escuta etc.). Uma dessas estruturas é determinar as condições de funcionamento dos discursos, “de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras” (FOUCAULT, 2008, p.36).



Exatamente, para o autor, uma das formas mais superficiais e visíveis desse “sistema de restrição” é o ritual:

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (Id, p.38).

Por meio dos rituais, enquanto discursos regrados, delega-se ao indivíduo “propriedades singulares e papéis estabelecidos” (Id., p.39).

Tudo isso está em estreita ligação com o “poder” da Igreja sobre a Palavra. Daí podem-se entender as relações do fiel com essa palavra, especialmente nos rituais online. Como a própria Igreja afirma,

É fundamental recordar que a Palavra de Deus, em Jesus Cristo convertida em Evangelho ou feliz notícia e, como tal, entregue à pregação apostólica, continua o seu curso através de dois pontos de referência, reconhecíveis e estreitamente interligados: [...] pelo culto, pela doutrina e pela vida da Igreja e [...] a Sagrada Escritura, que desta Tradição viva, por inspiração do Espírito Santo, conserva, precisamente na imutabilidade da escrita, os elementos constitutivos e originários. [...] (SÍNODO, 2009, online).

Esse domínio da Igreja sobre a Palavra e o discurso de e sobre Deus fica claro nesse sentido. Na Internet, vemos que essa relação, ainda em maturação, tem uma manifestação especial. Nela, diversos discursos se atravessam, e a Igreja tenta lidar com todos eles mantendo-se fiel à sua doutrina, criando determinadas estruturas ritualísticas que lhe conferem ainda um certo poder sobre a palavra. Como diria Foucault, existem “discursos validados” pela doutrina, que “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros” (FOUCAULT, 2008, p.43).

Mas especialmente na Internet, essas restrições encontram também seus pontos de escape, nos quais o fiel toma posse dessa palavra às vezes escapando de uma doutrina e de tipos de enunciação mais centralizadores. Obviamente, também nesses pontos reforça-se, posteriormente, o controle da palavra por meio da Igreja, construindo-se assim uma série de jogos de força e de poder entre fiéis e instituição.

Em cada discurso, assim como no religioso, há, em suma, nas palavras de Foucault, uma forma de regularidade e sistemas de coerção. Porém, na fluidez e na



velocidade da Internet, a Igreja encontra-se diante de muitas interrogações, acostumada a um discurso “um-muitos”. Segundo Ess, a tendência da Igreja tem sido a de

Usar a Internet [...] para manter sua autoridade como fonte do texto sagrado e de doutrina fixa – em vez de explorar justamente aqueles aspectos da Internet (como a interatividade) pensados para ser a chave da reviravolta revolucionária das autoridades tradicionais online (2009b, online).

Citando o trabalho de Heidi Campbell, Ess defende que a autoridade religiosa (que passa pelo seu discurso) não é desafiada, mas, pelo contrário, reforçada e expandida pela migração da vida religiosa a ambientes online.

Seria interessante fazer toda uma retomada da importância do discurso para a tradição cristão-católica, uma genealogia no sentido foucaultiano (como se formaram, quais foram as condições de aparição, crescimento, variação), ou ainda como o discurso ritual – como questiona Foucault – “ordenou-se aos poucos em uma separação entre discurso verdadeiro e discurso falso). Por razões de objetividade e delimitação, nos restringimos aqui a dar destaque apenas a alguns pontos chave dessa relação Igreja-discurso religioso-comunicacional, complexidade que merece ser aprofundada em novos estudos.

Referências Bibliográficas

BRAGA, José Luiz. **Sobre “mediatização” como processo interacional de referência**. 15º Encontro anual da COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 06 a 9 jun. 2006.

CASEY, Cheryl. **Symbol and Ritual Online**: Case Studies in the Structure of Online Religious Rituals. National Communication Association 94th Annual Convention. San Diego, 20 nov. 2008.

ESS, Charles. **The Word online?** Text and image, authority and spirituality in the Age of the Internet. Disponível em: <<http://motspluriels.arts.uwa.edu.au/MP1901ce.html>>. Último acesso em: 13 dez. 2009.

_____. **War and Peace, East and West – Online**: A comparison of how different world religious use the Internet. Disponível em: <http://www.hf.ntnu.no/cofu/content/charles_%20ess.pdf>. Último acesso em: 13 jan. 2009.

FAUSTO NETO, Antônio. A Igreja Doméstica: Estratégias televisivas de construção de novas religiosidades. **Cadernos IHU**. São Leopoldo: IHU, Ano 2, nº 7, 2004.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas**: Ensaio sobre o imaginário da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.



_____. Existe a “Cibercultura”? Indicações para uma possível cartografia do mundo digital. In: **Passeando no labirinto**: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

_____. “**Sem mapas para esses territórios**”: a cibercultura como campo de conhecimento. 30º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2008.

GOMES, Pedro Gilberto. **Processo de mediatização**: da sociedade à Igreja. Disponível em <http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=10141>. Acesso em 13 jan. 2010. Entrevista concedida ao site do IHU.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. London: The MIT Press, 2000.

_____. **Para Lev Manovich, falar em “cibercultura” é negar a realidade**. Disponível em: <http://blog.estadao.com.br/blog/link/?title=para_lev_manovich_falar_em_cibercultura&more=1&c=1&tb=1&pb=1%3C/p%3E>. Último acesso em: 26 out. 2009.

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

_____. **Introdução às teorias da cibercultura**: Perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SÍNODO dos Bispos. XII Assembleia Geral Ordinária. **A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20070427_lineamenta-xii-assembly_po.html>. Último acesso em 13 jan. 2009.

VERÓN, Eliséo. Esquema para el analisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**. Lima, n. 48, out. 1997.